

A IDENTIDADE DO MAAC A PARTIR DAS SUAS PUBLICAÇÕES

CÁTIA TUNA*

Este texto pretende empreender uma reflexão sobre a identidade do MAAC, em particular sobre o seu posicionamento relativamente à criança enquanto *alter* do adulto, metáfora de certas faces do divino – e, como tal, com uma certa funcionalidade mística – elemento frágil das instâncias sociais e religiosas, entre o ser tendencialmente um objeto de disciplinamento e potencialmente um sujeito crente e cívico. Para tal, tem como base os conteúdos da imprensa do movimento¹, aferindo as questões que nela são colocadas, as narrativas com que são descritas as atividades e, deste modo, transmitida a memória, o discurso dos acompanhantes com que interpretam os problemas vividos pelas crianças e a visão com que elas próprias os enunciam. Procura-se uma sistematização e problematização nos âmbitos pedagógico, social, eclesial e teológico.

Note-se que será abusivo falar de uma teologia ou espiritualidade do MAAC; não se regista o objetivo de o ser nem tampouco vetores doutrinários ou teóricos precisos, apriorísticos e sistematizados. Isto terá a ver com o facto de o MIDADE não ter propriamente um fundador, com a sua matriz preponderantemente laical e ainda com a sua origem. Com efeito, o MIDADE advém de dinâmicas coletivas católicas nomeadamente a Ação Católica e a congregação dos Filhos da Caridade, sobretudo na sua fase pós-conciliar e francófona e toma de empréstimo os seus elementos teológicos, programáticos e metodológicos. Isto dá-lhe uma feição deveras indutiva e de uma lógica construtivista: não há uma espiritualidade fundacional mas alguns eixos de inspiração de tipo teológico e pastoral com que se interpreta a prática com os grupos de crianças. Assim se dá a produção de matérias de teor teológico que é involuntária e fortemente experiencial. Diferencia-se nestes aspetos de outras experiências eclesiais similares. Veja-se a *Obra de Rua* fundada pelo Padre Américo num período histórico anterior, com a qual

* Investigadora integrada no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

¹ Toma-se aqui por imprensa o conjunto das publicações periódicas do movimento. Assumimos como cronologia o período entre 1978 e 2008, (ano do 30.º aniversário do movimento) independentemente do seu suporte material. Acerca das publicações consultar o capítulo “As publicações periódicas do MAAC”.

partilha intuições teológicas: a tendência cristocêntrica ancorada na Encarnação, uma eclesiologia nucleada no pobre e a ideia de personalização².

1. O MAAC como redefinição da autoridade pedagógica

Nas publicações periódicas do MAAC são particularmente relevantes os artigos que, com variados formatos, exprimem discursos críticos e reformuladores de ideias e práticas pedagógicas vigentes, introduzindo a criança na relação com a autoridade. O aproveitamento por parte do adulto da vulnerabilidade e dependência que aquela tem em relação a si merece um tratamento reflexivo recorrente e enérgico em narrativas breves e polarizadas nas figuras dos pais ou dos professores. Contígua à autoridade coativa do adulto decorre a questão da violência. As narrações da violência sobre as crianças, as quais exemplificamos com um excerto, são amiúdes nas primeiras publicações periódicas e, quando relatadas pelas próprias, dotadas de uma especial intensidade:

“Aconteceu com a minha amiga Nilza uma coisa triste. O pai dela encontrou-a na rua e começou logo a bater-lhe, não devagar, mas com muita força. Deu-lhe socos, pontapés e bateu-lhe de correia.

Ela parecia uma bola... batia-lhe com a cabeça na parede também. Este é o pai mais tirano que existe no bairro. Ele bate nos filhos todos sempre desta maneira. Olha sr. Rui, uma conversa não era o bastante para os seus filhos mudarem? Não bata nos seus filhos. Eles são meus vizinhos e eu preciso brincar com eles”³.

A defesa da criança desta subserviência que assume com alguma recorrência formas veementes de agressividade, tem predominantemente como locutores os acompanhantes que assim se auto entendem como voz destes sujeitos em situação de fragilidade, sem os substituir mas assumindo-os na sua liberdade, convocando-os para a tarefa de concorrer para o seu próprio bem, colaborando na construção de um percurso biográfico libertador. Nem a escola ou a família, nem os órgãos de comunicação social ou a comunidade eclesial parecem posicionar neste viver pedagógico e neste registo de vinculação com a criança o seu paradigma de relação com ela.

“Os acompanhantes assumem o papel de serem a voz das crianças! Então há que escrever artigos para os jornais para assim divulgarem a voz das crianças perante a sociedade. (...)

² Luís Leal – *Padre Américo Monteiro de Aguiar e a renovação do clero português na primeira metade do séc. XX*. Porto: Centro de Estudos de História Religiosa, 2016, p. 48 ss.

³ *Crianças em Acção*, [sem número] [c. 1991], p. 6.

As condições de vida das crianças não são por causa do destino. Então os acompanhantes devem aprofundar em grupo as causas dessas situações de vida; para melhor se comprometerem na transformação.

Acusou-se a família de menosprezar o valor das crianças. Então os acompanhantes têm que se comprometer com a família diretamente e através das crianças, fazendo descobrir a capacidade transformadora das crianças na família, e os objectivos do MAC”⁴.

O acompanhante emerge assim como uma nova figura pedagógica diferenciada dos demais agentes: professores, pais, catequistas, etc. ou simplesmente do modelo típico do adulto como figura social simbólica⁵. A centralização da relação com as crianças numa lógica de autoridade-obediência, possivelmente equivalente num plano epistemológico à unilateralidade do ensino-aprendizagem, é preterida a uma procura da partilha dessa autoridade e desse ensino. Esta empreende-se através da iniciação das crianças à prática da liderança, a transferência para elas de responsabilidades sociais tidas apenas como respeitantes ao mundo adulto, acompanhadas do intuito de uma formação de consciências. Acrescenta-se a promoção da livre expressão no grupo ou através dos próprios periódicos das opiniões, experiências e frustrações dos meninos concitada por este ciclo de autoridade e violência ou pela precariedade afetiva, social e material que os enquadra. Esta subsequente transcrição, legenda do desenho da capa do número quatro do jornal madeirense *Grito da Liberdade*, ilustra uma partilha deste tipo:

“Este é o desenho do Eurico e é também o desenho da capa deste jornal.

Não é apenas uma mancha negra.

Este desenho significa a raiva e o ódio que ele sente pela vida”⁶.

Ao longo destes trinta anos iniciais do movimento, nota-se uma matização do carácter interveniente do acompanhante, como mediador ativo dos interesses e direitos das crianças, convocando-as como sujeitos igualmente ativos. Prevalece, contudo, a sua definição como alguém “que aceita o desafio de fazer caminho com as crianças, promovendo a participação e o protagonismo das mesmas, levando

⁴ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 7 (novembro-dezembro 1985) p. 5.

⁵ “Antoinette Prudence (MIDADE), afirmava na aula sinodal que hoje as crianças são afrontadas [sic] aos graves problemas da sociedade que elas suportam, às vezes, com sentimento de frustração tanto mais profundo quanto os adultos se esquecem muitas vezes de perguntar a sua opinião ou a sua intervenção”. Cf. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 14 (junho-dezembro 2005) p. 16.

⁶ *Grito da Liberdade: Jornal do MAC*. 4 (s.d.) [p.1].

a sério as pequenas atitudes e gestos que realizam pelo bem comum, e levar as crianças a descobrir o que faria Jesus se estivesse no lugar de cada um”⁷.

Acompanhante há 18 anos

O trabalho com o meu grupo de base é sem dúvida o mais importante para mim, há toda uma cumplicidade de partilha de vida entre crianças e acompanhante que me oferece momentos únicos de felicidade. [...]

O facto de me ter mantido como Acompanhante há 18 anos tem permitido a continuidade do Movimento na paróquia, o reconhecimento da parte dos pais pelo meu trabalho junto dos seus filhos e o ver jovens que cresceram comigo no MAAC a assumirem o papel de Acompanhante, dá-me uma certa tranquilidade e alegria por sentir que posso partir porque temos gente na paróquia capaz de dar continuidade a este nobre e gratificante trabalho.

[Maria Manuela Leal, acompanhante em Codessos (Paços de Ferreira) desde 1992 e secretária no executivo nacional entre 1997 e 1999 e desde 2008. Questionário n.º 38, 2010].

Metodologicamente, a inculcação de ideias doutrinárias e morais pela via impositiva, formal ou escolar, é rejeitada em detrimento de uma relação com as crianças não intrusiva e informal, no acesso e partilha por parte dos adultos das experiências que compõem a sua mundividência e do conjunto dos seus hábitos e diálogos, colocando-se como mais um elemento da rede de interações do seu grupo natural de amigos e adotando as didáticas reclamadas pelo mesmo. Neste sentido, os encontros representam também a concessão de um grau de formalidade a estes grupos de meninos, transpondo as suas práticas espontâneas de interação para dinâmicas de sociabilidade e de eclesialidade. Estas pretendem o enraizamento das crianças numa comunidade por elas construída, a capacitação destas para o exercício de reflexão cívica, de criação e partilha de ideias próprias e de projetos de ação, à luz do Evangelho.

A apresentação dos excertos seguintes, distanciados 23 anos entre si para possibilitar uma visão comparativa, permite a perceção do desenvolvimento dos encontros. Expressam a existência de elementos comuns: a forte presença de didáticas lúdicas (a música, a dança, etc.), de atividades que envolvem o refletir e o falar “sobre temas” ou acontecimentos, e experiências da componente da fé: falar de Jesus, ler o Evangelho e rezar:

“15 de Outubro / Cantámos / Ver, ouvir julgar, celebrar é o nosso lema. / Escolhemos os coordenadores do grupo. / Lemos uma passagem do Evangelho (...)

⁷ MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 10 (janeiro-abril 2004) p. 27.

27 de Outubro / O grupo teve problemas porque alguns meninos chegaram nervosos da escola / Acalmamos e cantamos / Refletimos porque houve a briga na escola e vimos que foi porque não fizemos o que Jesus ensinou. / Vimos que para Jesus não há raças, somos todos irmãos. / Cantamos e rezamos o Pai Nosso”⁸.

“Fazemos desenhos, jogos, cantamos, dançamos. Falamos de Jesus e daquilo que gostamos de fazer.

Também falamos do perdão. Gostamos muito da música ‘Para o mundo mudar, é preciso participar’”⁹.

“No MAAC cantamos, fazemos jogos, dançamos, pensamos e falamos sobre temas, fazemos trabalhos para a revista e até fizemos um cabaz para os meninos de Timor.”¹⁰

Nesta recolocação da questão da autoridade, a escola é tomada como objeto de análise no que diz respeito ao exercício da sua função pedagógica. Nesta reflexão são apontadas situações do próprio espaço¹¹, as poucas vagas, o desinteresse da família em que os filhos a frequentem, a falta de qualidade e de sentido didático nas atividades escolares, demitidas de estimularem as potencialidades não-cognitivas dos alunos, bem como, e de forma especial, a agressividade por parte de alguns professores e a discriminação que fazem dos meninos com mais dificuldades ou provenientes de meios mais carenciados¹². São também procuradas respostas em grupo para a resolução destes problemas, que englobam por vezes a intercessão junto das autoridades civis, quando se trata de dificuldades de infraestruturas e equipamentos, ou, mais residualmente, ao diálogo entre os atores escolares:

“Conseguimos uma escola, escrevendo ao presidente da Junta, e ele nos ajudou a conseguir a escola e uma camioneta para o grupo Forte da Bela Vista porque não havia camionetas e nem escolas perto”¹³.

⁸ *Jornal das Crianças*. 3 (dezembro de 1984) p. 3-4.

⁹ MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 17 (janeiro-junho 2007) p. 11. Artigo escrito por um grupo do Bairro da Quinta da Calçada (atual Bairro Quinta dos Barros) de Lisboa.

¹⁰ MAAC: *Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 17 (janeiro-junho 2007) p. 12. Artigo escrito pela Beatriz Tavares, de 7 anos, por um grupo da diocese de Angra.

¹¹ Como o caso dos esgotos que correm no recinto da escola, que é noticiada na capa do *Jornal de Nós*. 7 (1986?) p. 1.

¹² *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 5 (dezembro de 1984) p. 2.

¹³ Cf. *Jornal de Nós*. 14 ([1988]) [p. 2].

“(…) existe um tratamento diferente para as crianças “bem”, – meninos bonitos. Levaram um jornal à professora para falar sobre este problema”¹⁴.

É da maior importância referir, em vista a enquadrar este enfoque na problemática da escola, que a larga maioria dos acompanhantes no arranque do movimento são professores primários ou educadores de infância recém formados, transportando para a experiência informal que o MAAC proporcionava as questões suscitadas pela sua recente formação no âmbito da pedagogia formal e da sua prática pedagógica em contexto escolar.

Uma solução que comportou um outro nível de investimento, e ligada sobretudo à questão da pobreza infantil que trataremos de seguida, foi o caso da Escola Aberta, conhecida pela “Escola da Canalha”, sucedido na Madeira no início da década de 90, cujos relatos presentes no jornal *Grito de Liberdade* manifestam muito agrado por parte das crianças que a frequentam¹⁵. A especificidade e o alcance institucional e mediático que este facto comportou obrigariam a um estudo autónomo de maior profundidade. Mais tarde, na revista *MAAC*, refreia-se a abordagem à questão “escola”, devido também ao facto de as atas dos encontros de acompanhantes, nacionais ou diocesanos, não integrarem os periódicos. Contudo, mesmo nestes, as críticas são mais diminutas e remetidas sobretudo para a injustiça na atribuição de notas¹⁶. Outro denominador inalienável é a significativa alteração dos paradigmas e práticas da instituição escolar ao longo destas décadas. Sublinha-se ainda a continuidade dada ao tema da paz; pela recorrência deste tema ao longo do rol de periódicos do movimento, com destaque para a revista *MAAC*, deduz-se uma insistência na formação para a não-violência e na sensibilização para a existência de crianças que vivem em contexto de guerra.

¹⁴ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 11 (agosto-setembro de 1986) sem indicação de página. São frequentes as apreciações feitas à escola, das quais transcrevemos mais este trecho: “O horário da escola não dá para depois eu ir trabalhar para ganhar algum dinheiro’ ‘A professora é muito má está sempre a implicar’ ‘A professora gosta mais daqueles meninos que fazem tudo bem feito, dos mais bonitos, e os outros é que precisam dela””. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 11 (agosto-setembro de 1986) [p. 3].

¹⁵ *Grito de Liberdade: Jornal do MAC*, 1 [s.d.] p. 6.

¹⁶ Como uma exceção referimos um artigo intitulado “A minha escola” redigido pelo grupo do Bairro de Santiago, da diocese de Aveiro, em que as principais considerações que são feitas pelos seus elementos têm a ver com a comida do refeitório, as situações de brigas entre colegas, o facto de um professor não permitir que se jogue futebol e a alusão a gostar-se da escola e querer melhorar o comportamento. Cf. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 16 (julho-dezembro de 2006) p. 12.

2. Respostas à vulnerabilidade sociofamiliar infantil

A questão da pobreza infantil foi um horizonte de reflexão e ação primeiro, motivando uma estratégia de capacitação dos acompanhantes para nela atuarem, pelo que, por exemplo, está patente na carta da Mimi (Isabel Pais) aos animadores, escrita em 1984:

“O 1.º ano 1978/79 foi um sonho. (...) Eram: a vida das crianças pobres em Portugal, a pedagogia do Movimento, a vida dos grupos naturais marginais, a psicologia da criança, os principais vectores das nossas reuniões”¹⁷.

A pobreza enquadradora das crianças às quais o movimento está prioritariamente afeto nos seus princípios, encontra-se explícita sobretudo nos periódicos dos primeiros anos. É caracterizada pela carência de meios financeiros, originando situações de fome, casos de mendicidade, furtos e, de forma muito particular, trabalho infantil. A este tema é dada peculiar ênfase em artigos quer dos acompanhantes quer dos meninos. Citamos uma redação feita pela representante da delegação portuguesa com o objetivo de ser apresentado num evento em Estrasburgo, em 1987:

“Nós queremos partilhar com vocês a situação das crianças do nosso país, crianças que trabalham para poder ajudar a família e que não podem ir à escola. Elas trabalham nas fábricas de cortiça com os adultos, não têm tempo para ir ao grupo e se encontrarem connosco, porque têm que trabalhar por vezes ao sábado e até ao domingo. Elas não estão contentes com esta situação que vivem.

Nos grupos nós falamos sobre este problema e pensamos que se somos crianças temos direito de ir à escola, aprender para que mais tarde possamos ter um futuro melhor.

O nosso grupo fez um jornal onde falávamos das crianças e adolescentes trabalhadores, porque não achamos bem que as crianças andem a trabalhar e os adultos não terem trabalho. Há crianças que trabalham porque não têm condições de vida, não têm comida e não têm que vestir e calçar.

Nós gostaríamos que os adultos se organizassem para conseguir que as crianças não tenham que trabalhar.

Nós crianças já estamos organizadas e acreditamos que Jesus nos ajuda!”¹⁸.

¹⁷ *Crianças em Acção*. 4 (setembro de 1984).

¹⁸ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 15 (setembro-outubro de 1987) [p. 10]. Como o próprio artigo indica, “Este texto foi preparado pela Luísa do grupo ‘Menes Traquinas’ de Lourosa e era para ser apresentado na celebração do “Planeta 100 000” em Estrasburgo, o que não aconteceu por falta de tempo”.

No n.º 17 do boletim *Crianças em Acção* (1988) há um artigo de formação “elaborado a partir de um documento editado pelo Secretariado Latino-Americano” do movimento internacional, cujas conclusões compreendem, entre outras, a consideração como trabalho infantil das crianças que “são sobrecarregadas com os trabalhos de casa”, a importância da formação e da facultação de informações sobre casos conhecidos por parte dos acompanhantes que tenham grupos com crianças nessa situação¹⁹. Já nos anos 90 nos periódicos editados na diocese do Funchal encontra-se de forma mais amiúde e vivaz esta temática, o que se explica pelo contexto específico do movimento na diocese e pela contemporaneidade destes periódicos com o caso das “crianças das caixinhas”²⁰. Desde cedo, este assunto é abordado numa perspetiva internacional, evidenciando-se como uma prioridade da reflexão do MIDADE. Deste modo, na revista *MAAC* é um tema acantonado para a informação de situações decorridas sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, não se abordando como realidade portuguesa presente ou próxima aos grupos.

Até que enfim alguém pergunta a nossa opinião!

O MAAC despertou a minha atenção e o meu interesse sobretudo por duas das suas características: Estar voltado para os mais pobres e fazer das crianças protagonistas da sua ação e da sua vida. Em Setúbal implantou-se nos bairros pobres da cidade e foi muito bem acolhido pelas crianças, pelos pais e pelos acompanhantes. Recordo-me de uma criança de 8 anos que participou numa assembleia de crianças do MAAC e a certa altura disse toda entusiasmada: “Até que enfim alguém pergunta a nossa opinião!”. Essa criança, hoje, é advogada.

[Horácio Noronha (padre), assistente diocesano da Pastoral Operária em Setúbal e pároco de Nossa Senhora da Conceição (Setúbal) entre 1990 e 1999. Questionário n.º 46 D, 2012].

Existindo questões transversais como “a criança trabalhadora”, os problemas sociais vividos pelas crianças polarizam-se na escola, já abordada, na família e no espaço socio geográfico (o bairro ou a aldeia)²¹. No plano dos problemas intra-familiares, são apresentadas a ausência de um dos progenitores e a proibição por parte dos pais das crianças conviverem com meninos de famílias mais pobres,

¹⁹ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 17 (janeiro-fevereiro 1989) [p. 3-5].

²⁰ Cf. CAIRES, Teresa – A criança trabalhadora. *Zona 4*. 4 (1997) p. 9-10. *Grito da Liberdade: Jornal do MAC*. 2 (s.d.). Esta temática continua presente mais tarde, num artigo intitulado “Revolta contra o trabalho infantil”, do grupo da amizade, de Setúbal, narra uma situação datada de 2000. Cf. *Crianças em Acção*. 3. Série ano 2000 (1999) p. 3.

²¹ Os conteúdos de formação cristã incidem sobre o tema da pobreza. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 7 (novembro-dezembro 1985) p. 6.

como assuntos quase residuais. Mais frequentes são as referências às discussões e a violência doméstica, quer entre os pais quer entre estes e os filhos, associada geralmente ao alcoolismo, à promiscuidade derivada dos parques meios habitacionais a somar aos agregados familiares grandes e à responsabilização excessiva e precoce das crianças, pela já referida obrigação de trabalhar ou pela de tomar conta dos irmãos. Destas situações este excerto que elenca um conjunto de afirmações existentes nos vários grupos é representativo:

“O meu pai já está com os copos’ (...) Expressim os seus problemas na oração – ‘O meu pai nunca come connosco à mesa’ (...) Algumas crianças que passam fome não vão à escola para ficar a tomar conta dos irmãos, não têm água em casa porque não pagam (...) Nos desenhos exprimem problemas da família – Jesus a rezar com os pais, a brincar com as crianças (= Jesus é o Pai)”²².

O meio físico dos grupos e os espaços a eles inerentes (a escola, as estradas, os esgotos, a igreja, etc.) é caracterizado na sua precariedade, expressa por exemplo pela ausência de saneamento básico, pela poluição e pela convivência com o lixo, bem como a falta de condições de algumas infraestruturas. Neste âmbito, são muitas vezes expostas por parte de alguns grupos as suas dificuldades em encontrarem um espaço para reunirem, sendo frequente a circunstância inicial de reunirem na rua²³.

Foi na Serra da Estrela

Quando se fala do MAAC, fala-se em crianças, em alegria, convívio, educação cívica e religiosa, e reflexão sobre os mais diversos temas.

Mas de todas as coisas que mais marcaram no MAAC, o que melhor recorde são os encontros diocesanos e nacionais, especialmente um, em que tive a oportunidade de ver neve a cair pela primeira vez! Foi na Serra da Estrela.

Lembro-me da alegria de todos nós e de nem se quer termos vontade de dormir. Ou, então, dormir rápido para que amanhecesse depressa para podermos brincar na neve!

Foi uma experiência inesquecível como outras tantas: reuniões todos os Sábados de manhã, cantar as Janeiras, piqueniques no monte de Santa Catarina em Calendário, discussão dos mais diversos assuntos, participação em colóquios e palestras, escrever canções e participar em peças de teatro... e crescer com consciência de que temos que ser melhores pessoas todos os dias!

[Maria João Araújo, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1991 e 2001. Questionário n.º 12, 2010].

²² *Crianças em Acção*. 11 (agosto-setembro de 1986) [p. 3].

²³ “(...) nós estamos com esperança de arranjar uma casinha para que nós nos encontramos, nos dias de chuva, aos sábados. Andamos todos a procurar no nosso bairro.” *Jornal de Nós* 4 (1985?) 3.

Face a estes problemas, de espectro variado, os grupos procuram “ver, julgar e agir”, do que derivam ações transformadoras também diversificadas, que se podem, todavia, agrupar em quatro categorias. São elas as ações expressivas com um intuito simbólico-denunciatório ou de sensibilização da comunidade (realização de teatros ²⁴, fixação de cartazes, redação de apelos nos próprio periódicos, etc.), ações de intervenção direta feitas pelo próprio grupo (como a venda de roupa barata para crianças ou o convencionar-se coletivamente a atitude de parar de gozar um menino da escola), iniciativas que envolvam uma solicitação a autoridades civis (ao presidente da Junta ou da Câmara) e finalmente, a própria oração entendida como intercessão pelas crianças do resto do mundo em situações difíceis (pelos meninos de Moçambique ²⁵, pelas que não têm pais por terem morrido na guerra, etc.).

3. A criança como problema eclesial

Ao procurar dizer-se numa definição da sua identidade, pelo distanciamento de outras visões, atitudes e, de modo particular, de outras experiências eclesiais em torno do mesmo objeto – a criança – o MAAC evoca a pertinência do movimento no contexto da Igreja Católica e da sociedade portuguesas e da novidade que constitui como um tipo distinto de pertença àquela:

“Sentir, também, que um projeto tão sonhado e querido na Igreja portuguesa, começa a ganhar corpo, a querer afirmar-se e a exigir um espaço. E ele será primeiramente o que as crianças quiserem se nós formos capazes de ser os seus porta-vozes fiéis e se nós também o quisermos”²⁶.

Tal novidade não é tanto em termos teóricos, dado que é fundamentalmente a ligação com o MIDADE que fornece esta plataforma de conteúdos pedagógicos e teológicos com um certo grau de estruturação, mas a nível de aplicação à realidade social e religiosa nacional.

Deste modo, a criança é reposta como problema eclesial e pastoral. Procura reconsiderar-se o seu lugar na comunidade, o reconhecimento do seu estatuto

²⁴ Como um dos abundantes exemplos de realizações teatrais, indicamos uma peça teatral feita por um grupo da Quinta da Serra (Lisboa) sobre o lixo no bairro. Cf. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 9 (setembro-dezembro 2003) p. 12-13.

²⁵ Cf. *Jornal de Nós*. 10 ([1987]).

²⁶ *Crianças em Acção*. 4 (setembro de 1984) p. 1. “Não estamos aqui para fazer uma Igreja à parte. Não se trata de uma outra Igreja, mas de uma ‘Igreja outra’”. Cf. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 7 (novembro-dezembro de 1985) 7. Citação da Mimi. “Como dizia D. António Ribeiro, numa audiência com responsáveis nacionais do Movimento: ‘É muito importante para a Igreja em Portugal que surja um Movimento de crianças assim.’” *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986) p. 3.

como cristã e a função eclesial da mesma, questionando-se a disponibilidade da rede de práticas pastorais para a sua intervenção. Propõe-se a deslocação de uma atitude pastoral unidirecional e centrada numa lógica de ensino ou instrução, para uma relação de reciprocidade, em que ela desempenha um papel ativo não tanto na apropriação dos conteúdos doutrinários mas numa recomposição criativa e numa transferência dos mesmos para a realidade, operacionalizando-os em comportamentos e projetos que visem a transformação daquela. O papel do adulto é assim o de acompanhar este processo autónomo de cada menino e do grupo:

“É necessário estarmos vigilantes para não dizer Deus em vez das crianças. Cabe a elas o exprimirem porque Deus não se impõe. Nós não temos direito de fazer um aproveitamento. O próprio Jesus não permitia este atentado à liberdade daqueles que ele encontrava. No entanto nós queremos permitir às crianças que elas próprias façam uma releitura das suas acções (...). Não será que a Palavra de Deus se revela no que há de mais profundo nos homens?”²⁷.

A proposta de uma alteração da percepção da criança como sujeito crente realiza-se pela via da evocação do conceito de evangelização. Este surge como uma chave de entendimento da função ou utilidade das crianças na Igreja Católica, na intenção de realizar a passagem de “destinatário” para “obreiro” da evangelização, utilizando expressões da carta apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI, de 1975. Este documento do magistério é amplamente citado no n.º 8 do *Crianças em Acção*. Nesta edição ainda pode ler-se:

“Entre as numerosas preocupações da Igreja hoje, há uma atenção particular pela evangelização das crianças. Neste contexto surgiu o MIDAC (...) este movimento pretende responder a uma dupla vocação: / – a de permitir às crianças tomar parte no desenvolvimento do seu meio, de se desenvolverem elas mesmas tomando a sua vida nas mãos, contribuindo assim para a transformação das suas situações; / – e a de dar possibilidade às crianças de tomar lugar na Igreja, ajudando-as a ser verdadeiramente apóstolas entre os seus companheiros (...)”²⁸.

Esta última ideia advém da única afirmação que saiu do segundo Concílio do Vaticano sobre crianças: “também as crianças têm a sua actuação apostólica. Segundo as suas capacidades são em verdade testemunhos vivos de Cristo entre

²⁷ *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 9 (março-abril de 1986) p. 3.

²⁸ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986) p. 2.

os companheiros”²⁹. Um outro texto posterior do Magistério, escrito em 1979, por ocasião do profícuo Ano Internacional da Criança, adiciona outros três remetentes do comportamento e anúncio evangelizador infantil: aos seus amigos e companheiros próximos, junta os meninos em situações de privação “dos bens necessários ao seu desenvolvimento integral” e, finalmente, os adultos³⁰.

Ocorre uma dialética entre a dimensão pessoal e social das crianças, partilhando e agindo em grupo pelo bem do seu meio físico (o bairro, a aldeia, a escola, etc.), afetivo (os seus colegas, amigos, as outras crianças que se encontram a sofrer) ou das suas próprias vidas, e o âmbito cristão e da vida em Igreja. Decorrem daqui outras questões, sugeridas na transcrição do texto seguinte ao excerto anterior:

“As crianças através das suas acções constroem o Reino de Deus, descobrem e celebram Jesus Cristo e são verdadeiros testemunhos para todos os que as rodeiam. (...) Mas uma questão se pode colocar. Esta preocupação pela evangelização das crianças não é já assumida pela catequese? – sim! A catequese assume efectivamente um conhecimento de Jesus Cristo às crianças. Mas o Movimento não substitui a catequese porque se situa como uma complementaridade desta catequese. O Movimento convida as crianças a viver no quotidiano esta Boa Nova, respeitando as suas expressões e o seu modo de agir. Por outro lado, para um certo número de crianças que não são catequizadas, têm uma oportunidade de fazer uma experiência de Jesus Cristo através dos seus grupos no Mov.”³¹.

Esta citação refere a questão da catequese, numa intenção de coadunar ambos os “mecanismos” pastorais, numa lógica não concorrencial mas de complementaridade. Fá-lo pela especialização ao nível dos destinatários, os não catequizados, e pela vertente metodológica. Neste campo, o movimento investe num estímulo

²⁹ IGREJA CATÓLICA, II Concílio do Vaticano. 1963-1965. Const. Past. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. N.º 12.

³⁰ “Ainda hoje, os cristãozinhos mais pequenos, quando formados no conhecimento e no amor evangélico das crianças da sua idade privadas dos bens necessários ao seu desenvolvimento integral, são capazes de cooperar neste trabalho de justiça, solidariedade, paz e avanço do Reino de Deus. E, procedendo assim, não só desenvolvem e personalizam a vida baptismal e humana, mas tais crianças interrogam e evangelizam os adultos, às vezes endurecidos e cépticos, sobre a necessidade e a eficácia da solidariedade e do dom de si mesmo”. IGREJA CATÓLICA, Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Mensagem ao presidente da Pontifícia Obra da Infância Missionária, Senhor Dom Simon Lourdasamy*: [Mensagem de 10 de abril de 1979].

³¹ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986) p. 2. Dezasseis anos depois a posição relativa a esta matéria permanece muito semelhante: “A catequese tem como objetivo dar a conhecer Jesus às crianças. O MAAC não substitui a catequese, mas complementa-a. O Movimento convida as crianças a viverem no dia a dia esta boa Nova, respeitando as suas expressões e o seu modo de agir. Por outro lado, há crianças que estão no Movimento e não catequizadas, mas assim têm uma oportunidade de fazerem a experiência de Jesus através das vivências do grupo”. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 6 (setembro-dezembro de 2002) p. 19.

à articulação da “Boa Nova”, plano da crença, com o “quotidiano”, plano real, sublinhando a ação em detrimento da formação e a relação como os conteúdos acreditados através da materialização em experiências e comportamentos, mais que a sua aquisição como conhecimento intelectual. Isto concretiza-se na promoção de dinâmicas de sociabilidade que permitam a emergência do próprio grupo enquanto espaço da experiência de *ecclesia*, enquanto comunidade integradora e transformadora, bem como na adequação dos métodos e da criteriologia, de modo a possibilitar a valorização das manifestações crentes expressas na lógica do universo infantil³².

Ter conhecimento dos direitos das crianças

O MAAC ajudou-me muito a ter conhecimento dos direitos das crianças e a ter conhecimento da solidariedade e participar em marchas e lutas pelos mesmos direitos lutando contra a pobreza.

Enquanto estive no MAAC tinha disponibilidade, empenhei-me o máximo em ter sempre um grupo de crianças e outro de adolescentes. Eram tudo para mim e ajudaram-me a descobrir melhor Jesus Cristo na sua simplicidade e inocência. Hoje ainda vejo algo de diferente em cada um que passou pelos grupos do MAAC.

Enquanto Coordenadora Diocesana, em cada encontro e reflexão, fosse com a equipa diocesana ou mesmo com a Hierarquia ficava sempre mais enriquecida, com força e coragem para melhor enfrentar as dificuldades e continuar a fazer o melhor pelo mundo das crianças.

[Rosa Gonçalves, acompanhante em Ronfe (Guimarães) entre 1985 e 2001. Questionário n.º 14, 2010].

Pelo grau de informalidade intrínseco à estratégia de criação dos grupos e pelo distanciamento dos espaços e da vida comunitária das paróquias de alguns contextos sociais limítrofes, verificou-se em alguns casos uma não imediata identificação do movimento com a Igreja, sendo mais notória a sua referência às crianças e aos meios pobres³³. Por outro lado, outros houve em que ocorreu uma indiferenciação inicial entre a catequese e o MAAC e um trânsito de elementos entre uma e outra instância pastoral, como se percebe neste testemunho:

“Na catequese ia-me confrontando com as situações de vida das crianças do meu bairro: pais separados, abandono, insucesso escolar, maus-tratos... A catequese para algumas destas crianças não consegue ser mais do que uma repetição de conhecimentos, para eles igual à escola de que eles não gostam mesmo nada.

³² Cf. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 7 (novembro-dezembro de 1985). Testemunho de Fátima Fontes como novo membro da Equipa Nacional.

³³ Estes dados encontram-se nos questionários feitos aos acompanhantes, em 1984, cujas sínteses se encontram no número seguinte: *Crianças em Acção* 4 (setembro de 1984) p. 8.

E foi-me surgindo de forma cada vez mais clara a certeza de que as crianças, se lhes for dada a oportunidade podem realizar maravilhas. (...) Encontro com eles sentido para lutar por um mundo novo, onde as crianças têm um lugar e não são simples recipientes que nós queremos encher de coisas. Elas serão o homem novo, desse mundo novo construído com o Evangelho e com os seus valores”³⁴.

Em textos como este está presente a ideia da eficácia condicionada da catequese em lidar com os problemas socio familiares do seu público, apontando-se a sua proximidade ao já esgotado modelo escolar. A nova proposta consiste, em síntese, na deslocação da criança como recetáculo passivo dos conteúdos de fé, em cuja construção e aquisição não é participante, para a sua consagração como agente interveniente e criativo na corporização daqueles:

“Verificamos que no terreno da fé as crianças apenas são colonizadas com ensinamentos pré-fabricados e não se dá a devida importância a uma verdadeira formação na fé. Pensam que para crianças qualquer coisa serve, que elas se contentam com pouco”³⁵.

Ao longo da história do movimento, a relação entre ele e a catequese tende a mostrar-se harmónica não obstante a diferença de métodos.

Outro importante aspeto da estratégia pastoral do movimento é o intuito “visionário” de uma formação de lideranças. Esta consiste na preparação de futuros detentores de papéis que envolvam uma dimensão de superintendência na sociedade. De modo enfático, vislumbra-se o assomar-se de novos protagonismos não contemplados nas rotinas de sucessão dos atores pastorais da Igreja Católica, por parte de figuras enquadradas em espaços à partida não propícios ou mesmo interditos à emergência de tais protagonismos. Isto permite a concretização do projeto de dar às crianças “lugar e voz na comunidade da Igreja”³⁶, o cruzamento de espaços sociais distintos e, em última instância, uma aproximação à “Igreja dos Pobres” e uma reformulação das elites católicas.

O método desta formação de lideranças consiste na valorização das crianças como idealizadoras, fadoras e executoras dos seus projetos e responsáveis dos seus grupos. Além desta dimensão de treino nas lides organizativas da cidadania e da pastoral, ocorre uma deliberada sensibilização destas e dos acompanhantes em relação a ideias fundamentais, nomeadamente aquelas aditas à Doutrina Social

³⁴ Texto da autoria de Fátima Fontes, do grupo do Olivais Sul, no âmbito da apresentação dos três novos elementos da Equipa Nacional. Cf. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e Informação do Movimento de Crianças* 7 (novembro-dezembro de 1985) [p. 8].

³⁵ Resultado de uma reunião de acompanhantes realizada no dia 10 de setembro de 1983. *Crianças em Acção*. 3 (outubro de 1983) p 6.

³⁶ *Jornal das Crianças*, 3 (dezembro de 1984) p. 13.

da Igreja. Neste sentido, pode questionar-se até que ponto os discursos com um certo grau de crítica, feitos pelas crianças, não são também construções adultas às quais elas são induzidas, sendo igualmente estes um produto pré-fabricado. Contudo, é nestes riscos, questões e reformulações que se pode afirmar que o MAAC, como organismo especializado da Ação Católica e na “voz própria” da sua implantação e consolidação na Igreja Católica Portuguesa “(...) funcionou como laboratório de inovação eclesial”³⁷.

4. Elaboração teológica da categoria “criança”

Em alguns artigos dos periódicos do MAAC, sobretudo nos iniciais em que as reflexões conjuntas dos acompanhantes têm um mais incisivo lugar, a criança é equacionada como objeto de uma reflexão de ordem teológica e como objeto de uma experiência de ordem espiritual. Deste modo, a sua contemplação é estimulada como prática pedagógica, como assim evidencia o excerto seguinte:

“– Como Simeão (Lc. 2, 25-29), ou como os doutores no templo (Lc. 2, 47) somos capazes de nos deslumbrar com a capacidade das crianças em construir o Mundo Novo em Igreja?

– Como valorizamos nós as suas expressões de fé e nos deixamos interpelar pelos sinais do reino que elas constroem através das suas acções?

De facto a vida e acções das crianças que em grupo transformam a sua vida e o seu meio, são hoje esta esperança viva que a Mensagem de Natal nos vem confirmar!”³⁸.

Propondo-se novos trâmites na sua perceção, é legitimada uma visão das crianças como sujeitos crentes, que detêm, por isso, direitos de ordem cívica mas também eclesial, refletindo-se sobre os procedimentos pastorais que as afetam. Com efeito, o adulto não se assume tanto como figura de autoridade mas como agente do reconhecimento das capacidades das crianças e, em particular, do valor simbólico que assumem, tanto por Jesus considerar a identificação com elas como condição determinante da “entrada no Reino de Deus”³⁹, como pelo “poder utópico” que representam: “A criança é o eterno Messias, que regressa sempre para o meio dos homens caídos, para os conduzir ao Reino dos Céus”⁴⁰.

³⁷ FONTES, Paulo – A Ação Católica Portuguesa (1933-1974) e a presença da Igreja em Portugal. *Lusitania Sacra*. 6 (1994) p. 99.

³⁸ *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 8 (janeiro-fevereiro de 1986). Editorial não assinado. [p. 1].

³⁹ Lc 18,16-17; Mc 10,14-15; Mt 19,14-15.

⁴⁰ Citação de Emerson feita em: *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 10 (maio-junho de 1986) [p. 1].

Esta perspetivação da criança, em que é quase aproximada a um quase *alter ego* do Messias, terá de enquadrar-se, ainda que remotamente, no seu enraizamento na grandeza do corpo teológico da soteriologia católica, que teve em Santo Agostinho o seu principal formulador. Na perspetiva do catolicismo, a criança é idealizada enquanto figuração do homem não-caído, o mais próximo modelo ao ideal hipotético do homem não pecador, da inocência original e, por isso, prova da viabilidade do programa criador que Deus deseja para o homem. Por conseguinte, ao invés de remeter para a criação como anterioridade, a criança catapultava os homens para o Reino que virá, para o futuro em que se concretizará a ressurreição da inocência, que assim se entende como condição da plenitude humana, tal como ilustra, por exemplo, o seguinte pronunciamento do papa João Paulo II:

“Cristo atribuiu uma enorme importância à criança. Fê-la quase porta-voz da causa por Ele proclamada e pela qual Ele deu a própria vida. Fê-la representante desta causa, a mais simples, quase um seu profeta. O valor da criança em todas as sociedades está no facto de ela ser testemunha da inocência ideada pelo Criador e Pai celeste para o homem. Perdida com o pecado, esta inocência deve ser reconquistada por cada um de nós com dificuldade. Nesta fadiga, neste esforço da inteligência, da vontade e do coração, a imagem da criança é para o homem inspiração e fonte de esperança. Deus que, como Pai, chama a todos à própria casa, ajudar-nos-á a readquirir a inocência da criança”⁴¹.

Por outro lado, sempre que se denota ao longo dos periódicos o esforço de uma explicitação mais identitária do movimento e das suas ações, utilizam-se com particular recorrência dois conceitos (ou expressões concetuais): um do universo bíblico, “Reino de Deus”, de sabor fortemente messiânico ou mesmo, em algumas perícopes do Novo Testamento, apocalítico; outro que integra sobretudo o domínio da linguagem da Ação Católica e dos elementos que a fundamentam teoricamente, que é o de “transformação” ou “acção transformadora”. A parte abaixo citada do editorial do n.º 12 do *Crianças em Acção* (1986), cujo autor é Joaquim Marques⁴², testifica estes conceitos como pertencentes a uma linguagem comum.

“Falar das crianças, é falar da sua vida, é falar de um povo pequeno, de um pequeno povo pobre, de um grande povo de Deus. “Se não forem como as crianças não entrareis no Reino de Deus.” O MAC não vive preocupado com o reino de que as crianças fazem parte, mas também com a vida das crianças. (...) Se encarmos a vida das crianças, encarmos o Reino de Deus e o que as

⁴¹ IGREJA CATÓLICA – Papa, 1978-2005 (João Paulo II) [Angelus de 22 de julho de 1979].

⁴² Indicação dúbia por assinar como “Quim”.

crianças com a nossa ajuda transformam nós construímos o Reino de Deus com a ajuda das Crianças⁴³.

Um texto de Moltmann, extraído da sua obra *Teologia da Esperança*, que se encontra no último número da primeira série do *Crianças em Acção*, publicado em 1989, concretiza a interação entre as duas ideias demarcadas de “Reino” e a de “transformação”:

“Despertar uma esperança viva, pronta a agir e a sofrer, virada para o Reino de Deus que vem à terra para a transformar, eis a missão de todos os cristãos, eis a nossa vocação comum. (...)”

O envio não consiste unicamente em difundir a fé e a esperança, mas também promover uma transformação histórica da vida. Não se conformar com este mundo, não quer só dizer transformar-se a si mesmo, mas quer dizer também transformar, pela sua força e a sua paciência criativa, este mundo onde a gente acredita, espera e ama⁴⁴.

Além de ser entendida numa semântica messiânica, “pobre” é outra categoria na qual a de “criança” é associada ou explicada. Quantitativamente, não é tão utilizado como as anteriores, mas ocorre com um considerável grau de intensidade em alguns artigos de uma explicitação mais incisiva do tema da pobreza, nos quais se incluem os textos de formação cristã em grande medida versados, direta ou indiretamente, sobre a dita temática, quer como matéria da Doutrina Social da Igreja, quer como critério de seleção ou de interpretação das narrativas do Evangelho. Exemplo deste tipo de aprofundamento é um artigo que aponta para a exposição de António Matos Ferreira como convidado para o ANA, Assembleia Nacional de Acompanhantes, de 1984:

“Lembrava ele [o professor António Matos Ferreira], que o MAC é um movimento das crianças (...). Deus ao nascer menino coloca-nos numa atitude de abertura àquilo que não conhecemos nem dominamos. Ele nasce menino e menino pobre. E, no Evangelho, o pobre (...) é um elemento de conversão; é a situação que interpela.

⁴³ *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 12 (agosto-setembro de 1986) [p. 1].

⁴⁴ A obra *Teologia da Esperança* foi editada em 1964 e a sua citação encontra-se em: *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 23 (novembro-dezembro de 1989) p. 3.

Assim, as crianças em solidariedade umas com as outras se interpelam mutuamente. É importante estar atento ao outro e descobrir formas de solidariedade com as crianças”⁴⁵.

De modo mais residual, ocorrem outras configurações, das quais se pode destacar a da criança como futuro “homem novo”, uma temática paulina, como profeta⁴⁶ e ainda uma perspetivação com sabor pneumatológico, como patenteia o seguinte excerto:

“Mas quanto mais apaixonante ainda é o nosso trabalho se nós descobirmos aquele que é fonte de todo o dinamismo existente nas crianças! O Espírito é Dinamismo! As crianças que “mexem”, que movidas no interior delas mesmas aceitam ultrapassar as suas pequenas divisões e procuram entre elas “bondade, justiça e verdade” (Ef. 5, 9) [...]”⁴⁷.

Conclusão

Os textos que constituem a imprensa do MAAC procuram soerguer um novo entendimento das crianças. Fazem-no em larga medida numa abordagem crítica à questão da autoridade, da violência e da pobreza concernentes ao mundo infantil, na convocação de três espaços institucionais: o familiar, o escolar, o religioso e, mais indiretamente, o político. A novidade nos modos de compreender e de interagir com as crianças consiste na sua consideração como protagonistas da sua própria vivência e capacitadas para lidar com os problemas que as condicionam. É utilizado para tal um discurso de cariz teológico, o que se evidencia, por exemplo, no emprego de conceitos com forte enraizamento bíblico ou na reflexão indireta acerca do lugar da criança na problemática da salvação. Esta reconstrução teórica parte e conduz de uma reflexão sobre a disponibilidade das estruturas eclesiais de reconhecimento do valor das crianças e de reconfiguração dos seus paradigmas de organização para lhes dar um lugar operativo e, inclusivamente, alterarem os círculos de lideranças laicais, abrindo-os aos meios de onde elas vêm, que são por princípio contextos socioeconómicos de pequena ou larga exclusão, lugares de dupla periferia.

⁴⁵ *Crianças em Acção* 5 (dezembro de 1984) p. 11.

⁴⁶ “O MIDADE participou no Sínodo dos bispos sobre o tema ‘Papel dos Leigos na Igreja, 20 anos depois do Concílio Vaticano II’. [...] a presidente do MIDADE, Antoinette Prudence, foi convidada a intervir perante a assembleia para fazer salientar o papel profético das crianças e o seu direito ao respeito e à consideração de todos.” Cf. *Crianças em Acção: boletim de Ligação e Informação do Movimento de Apostolado de Crianças*. 19 (junho-julho de 1988) p. 10.

⁴⁷ *Crianças em Acção: boletim de ligação e de informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 7 (novembro-dezembro de 1985) p. 1.

A PRESENÇA DO MAAC NAS DIOCESES

CARLA SANTOS*



* Membro do Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MAAC), responsável pelo projeto que deu origem a este livro.

DIOCESE DE BRAGA



Data dos primeiros contactos

- Nos finais dos anos 70, em Braga, a Pastoral Operária viu que havia uma lacuna nos filhos dos militantes e operários. Depois de alguma reflexão decidiu juntar essas crianças/adolescentes, formando “Os mais novos da Ação Católica”.
- Mais tarde, e porque havia um movimento específico para estas crianças/adolescentes, houve alguns contactos e então a Adesão ao MAAC foi feita na Assembleia Nacional, juntamente com a diocese do Funchal.
- Bairro 31 de Maio (Famalicão).

Oficialização da adesão ao MAAC

V Assembleia Geral, Lisboa, 5 a 9 outubro 1990.

Situação atual (2014)

Existem dois grupos de crianças/adolescentes, distribuídos pelas paróquias de Calendário (Famalicão) e de Ronfe (Guimarães).

Momento(s) marcante(s)

“No dia 3 de outubro de 1991, a Sofia, a Daniela, o Zé Luís o Pedro e eu, Maria João, estivemos numa reunião com a Céu e a Ana Maria. A Céu falou-nos do MAC – Movimento de Apostolado Das Crianças, que é um movimento de crianças que existe em 47 países. (...) Fizemos um desenho para explicar o que entendemos do MAC. Também descobrimos que Jesus está no meio de nós quando nós falamos das coisas que Ele gosta. Cantámos uma canção e prometemos levar mais amigos para o grupo que se chama Alegria.

(...) No Grupo falámos de muitos temas relacionados com a nossa vida: escola, família, amigos, Natal, Paz, droga, violência, poluição, habitação, natureza... fizemos desenhos, canções, teatros, mesa aberta aos pais... Organizámos o grupo (delegado, subdelegado, tesoureiro e secretário). Participámos nas atividades do MAC a nível de grupo, de zona, Diocese e Nacional.

Encontro diocesano sobre a discriminação (1995)

Discriminação! Uma palavra até difícil de dizer; uma palavra difícil de viver.
O pobre, o cigano, o negro, a criança que trabalha, fazem parte dos que ficam à beira do nosso caminho gritando: ‘- dá-me a tua mão, ajuda-me a lutar, olha-me nos olhos e ensina-me a sorrir.
Quero viver, quero ser feliz!’
Nós, Crianças e Adolescentes do MAAC assistimos, às vezes, sem nada fazer, a gestos e atitudes de discriminação.
Onde?
Na escola, nos bairros escondidos da cidade, no desemprego, na sociedade em geral.
E o que é que fazemos?
Vamos continuar a refletir sobre este assunto através do que vamos representar.
Silêncio!
A festa vai continuar...”

Fonte: Documento Grupo “Alegria”, c. 2000.